

**CIDADANIA, POLÍTICA,  
SEGURANÇA E CULTURA  
CIENTÍFICA**

**CITIZENSHIP, POLITICS,  
SECURITY AND SCIENTIFIC  
CULTURE**

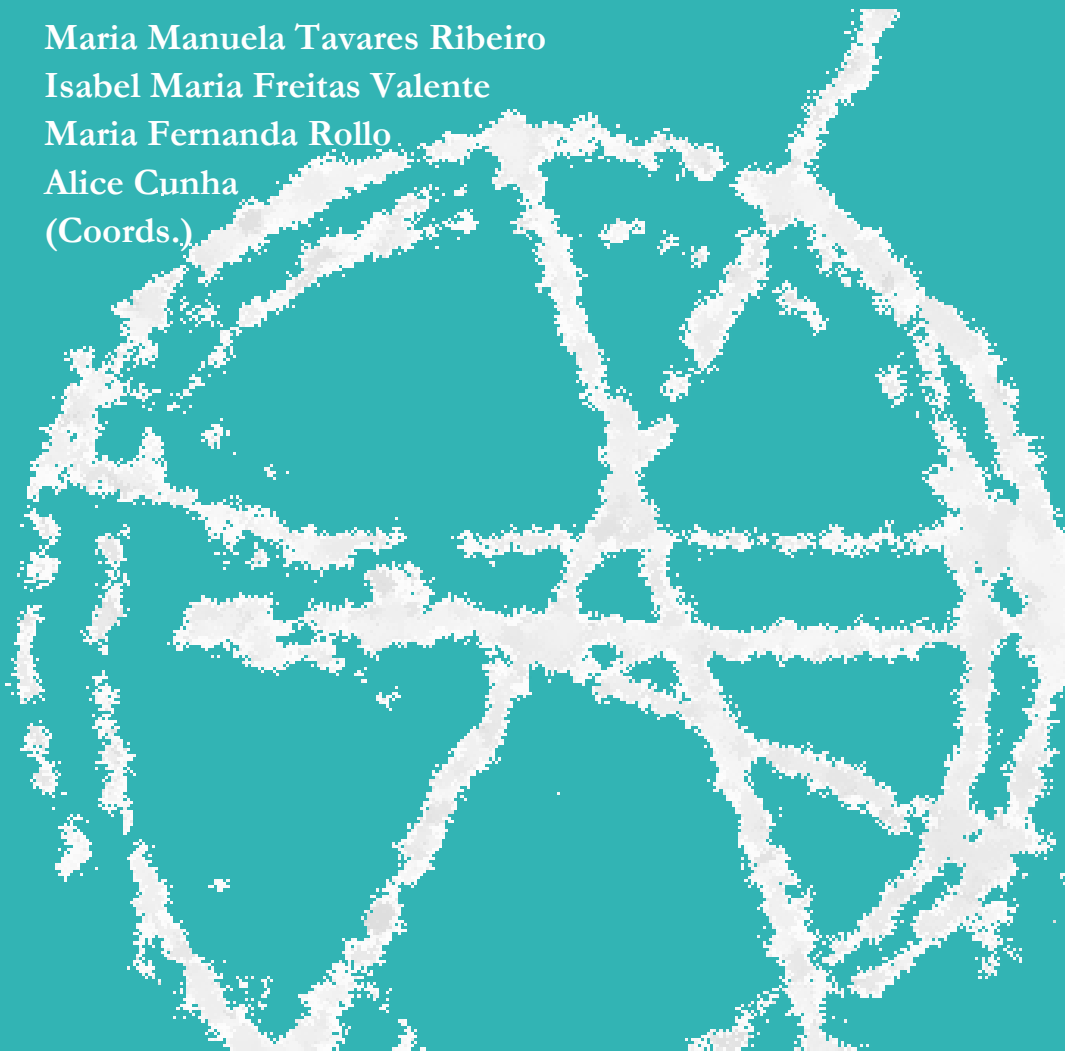
Maria Manuela Tavares Ribeiro

Isabel Maria Freitas Valente

Maria Fernanda Rollo

Alice Cunha

(Coords.)





**TÍTULO / TITLE**

*Cidadania, Política, Segurança e Cultura Científica*  
*Citizenship, Politics, Security and Scientific Culture*

**COORDENAÇÃO / EDITOR**

Maria Manuela Tavares Ribeiro; Isabel Maria Freitas Valente; Maria Fernanda Rollo; Alice Cunha

**EDIÇÃO / EDITION**

Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra – CEIS20

**ISBN DIGITAL**

978-972-8627-78-2

Março 2018 © Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Toda a reprodução desta obra, por fotocópia ou outro qualquer processo, sem a prévia autorização escrita do Editor, é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infrator.



## SUMÁRIO

Nota Prévia .....	5
União Europeia – A Comunidade de Direito e pelo Direito ...? .....	7
<i>Eduardo R Lopes Rodrigues</i>	
Acerca da Confiança dos cidadãos nas instituições nacionais e da União Europeia.....	55
<i>José Manuel Caetano &amp; António Bento Caleiro</i>	
Herança Cultural Europeia. O passado e o futuro da Europa.....	85
<i>Isabel Baltazar</i>	
O realismo da governação e a europeização do PS (1976-1985) .....	113
<i>Dina Sebastião</i>	
O federalismo europeu na perspectiva dos governos de Cavaco Silva e António Guterres .....	149
<i>Paulo Carvalho Vicente</i>	
Revisão da Estratégia Europeia de Segurança – a Hora das Escolhas .	189
<i>Liliana Reis Ferreira</i>	
A projecção internacional de normas europeias através da condicionalidade: ocaso da República da Macedónia.....	221
<i>Pascoal Santos Pereira</i>	
A União Europeia e os BRICS: Parcerias Estratégicas para uma nova ordem mundial?.....	237
<i>José Manuel Caetano e Marco António Batista Martins</i>	

The Cold War and the USSR: perceptions and interactions with Europe .....	271
<i>Vanda Amaro Dias</i>	
Le choix difficile entre communauté européenne et communauté atlantique : l'exemple du nucléaire.....	289
<i>Aurélia Jandot</i>	
Crise soberana e financeirização do capital: a periferia da Europa e a América Latina sob os auspícios de Hayek.....	307
<i>Mayra Goulart</i>	
O europeu Ribeiro Sanches e a medicina portuguesa de finais do século XVIII: sugestões para o ensino médico e farmacêutico .....	329
<i>João Rui Pita</i>	
Caminhos batidos de um peregrino do saber: Ricardo Jorge no contexto científico europeu .....	345
<i>Rui Manuel Pinto Costa</i>	



## NOTA PRÉVIA

O processo de construção europeia é um fenómeno que se insere numa evolução que nunca foi linear nem consensual, mas historicamente inevitável.

Após a Segunda Guerra Mundial, a Europa está em pleno declínio. Nesta situação difícil, intensifica-se o confronto entre as duas Europas.

Frente ao expansionismo soviético, os países da Europa Ocidental voltam-se para os Estados Unidos, que lhes confere ajuda económica e protecção militar.

A reconstrução da Europa é então objecto de um vasto debate.

Os acontecimentos de 1989, fazendo deste ano um lugar de memória europeu, conduziram a profundas mutações, não só na Europa Central e Oriental, mas também, na Europa Ocidental. O ano de 1989 levantou, com particular acuidade, a questão dos laços reais entre integração europeia e democratização.

Com o presente E-book pretende-se pensar e reflectir sobre projectos de ordem política, económica, social e cultural e também pensar o seu futuro, o seu posicionamento estratégico, o seu papel no Mundo.

Aos Autores, o nosso vivo agradecimento pela sua frutuosa colaboração.

À Marlene Taveira, agradecemos a sua inestimável colaboração e disponibilidade de sempre.





## CAMINHOS BATIDOS DE UM PEREGRINO DO SABER: RICARDO JORGE NO CONTEXTO CIENTÍFICO EUROPEU<sup>50</sup>

*Rui Manuel Pinto Costa*

Investigador integrado do CEIS20-Universidade de Coimbra

E-mail: rcosta75@gmail.com

**Resumo:** Ricardo de Almeida Jorge (1858-1939) foi director do Instituto Central de Higiene e a mais destacada figura da política de saúde pública portuguesa entre 1899 e 1939, em particular na afirmação do paradigma higienista. Tendo completado parte da sua formação académica com uma extensa viagem de estudo à França e Alemanha, viajou diversas vezes pela Europa, absorvendo e corporizando as grandes tendências da ciência europeia do seu tempo. Foi no teatro sanitário europeu que desenvolveu um trabalho significativo no *Office International d'Hygiène Publique* e na *Organização de Higiene da Sociedade das Nações*, de que é testemunha um extenso *corpus* documental que constitui o legado de uma participação ativa nos organismos sanitários internacionais.

**Palavras-chave:** Ricardo Jorge; Higienismo; Office Internacional d'Hygiène Publique; Organização de Higiene da Sociedade das Nações; ciência europeia.

**Abstract:** Ricardo de Almeida Jorge (1858-1939) was the director of the Central Institute of Hygiene and the most important figure of Portuguese public health policy between 1899 and 1939. Having completed part of his academic training with an extensive study trip to France and Germany, he traveled several times through Europe, absorbing and embodying the great

---

<sup>50</sup> Este artigo serviu de base à comunicação: *Caminhos batidos de um peregrino do saber: Ricardo Jorge no contexto científico europeu*, apresentada na mesa redonda: «Portugueses na ciência europeia: de Amato Lusitano a Egas Moniz», no II Colóquio Internacional da Revista debater a Europa, organizado pelo Grupo de Investigação Europeísmo, Atlantidade e Mundialização do CEIS20 e Centro de Informação Europe Direct de Aveiro, realizada na Sala de São Pedro da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra a 16 de março de 2017.

tendencies of European science of his time. It was in the European health institutions that he developed a significant work: at the International Office of Public Hygiene and the League of Nations Health Organization, which testifies to an extensive documentary corpus which is the legacy of an active participation in these international health organizations.

**Keywords:** Ricardo Jorge; Hygienism; The International Office of Public Hygiene; League of Nations Health Organization; European science.

## 1 - Ricardo Jorge e a ciência europeia do seu tempo

Tal como qualquer personagem da História, também Ricardo Jorge foi fruto de uma época e dos seus contextos. Ao longo do século XIX, Portugal foi um país aberto ao progresso científico iniciado fora de fronteiras, destacando-se mais no papel de recetor e reproduzidor de saberes do que na produção autónoma de conhecimento científico. No entanto, como Ana Leonor Pereira e João Rui Pita demonstraram para o caso português, num país que tem sido ao longo dos tempos um recetor de saber científico, não se pode deixar de valorizar o contexto internacional, bem como os mecanismos de receção e de reprodução das inovações científicas feitas a partir nos países dotados de equipamento e de recursos mais favoráveis à criatividade.<sup>51</sup>

A 2ª metade do século XIX, é consensualmente encarada como o período em que a valorização e cientificação da higiene permitiram que esta se tornasse numa ciência de matriz biopolítico, dando corpo a uma “Medicina de Estado” plasmada na codificação legislativa exclusivamente dedicada à saúde pública. Foram vários os pródromos que a antecedem e os fatores que o justificam, entre eles a conversão da saúde num objeto de administração pública e legislação estatais, a prevenção vacínica, o desenvolvimento da química com o seu contributo experimentalista e laboratorial, a revolução pasteuriana, e por fim a bioestatística, esta última entendida como matemática social necessária à gestão do capital humano dos povos.<sup>52</sup>

Ricardo de Almeida Jorge (1858-1939), homem de ciência e de cultura, foi um médico particularmente ligado à reforma da saúde pública de finais do século XIX e início do século XX. Defendeu e corporizou a aplicação do higienismo na matriz legislativa, tornando-se num personagem cimeiro da saúde pública portuguesa. Indivíduo multifacetado: médico, cientista, higienista, hidrologista, ensaísta, polemista, crítico de arte, político,

---

<sup>51</sup> Cf. PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui – Ciências. In MATTOSO, José (dir.) – *História de Portugal*. Vol. V. O Liberalismo (1807-1890). Lisboa: Círculo de Leitores, 1993, p. 652-667.

<sup>52</sup> Cf. PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui – Liturgia higienista no século XIX - pistas para um estudo. *Revista de História das Ideias*. 15 (1993) 437-559.

historiador da medicina e escritor dotado de vasta cultura, recaí com toda a propriedade no rol daqueles personagens mitificados não só pelos contemporâneos mas também pelos seus pares do universo médico.<sup>53</sup>

Imbuído de um claro sentido de modernidade científica, resultante de cânones higienistas e da revolução biológica impressa pela microbiologia/bacteriologia de sabor pasteuriano, foi no devir desta dupla influência que soube analisar e propor mudanças estruturais na realidade sanitária portuguesa do seu tempo. A sua vida decorreu no seio de dois grandes movimentos refundadores das ciências médicas, enquadradas sob as diretrizes culturais do positivismo. Por um lado, a afirmação e sedimentação da microbiologia/bacteriologia que decorreu ao longo do último quartel do século XIX e início do século XX, por outro a consolidação do papel social da medicina através da confirmação e aceitação do higienismo como disciplina do conhecimento ao serviço dos Estados e das populações.

Ricardo Jorge nasceu na cidade do Porto em 1858 tendo-se diplomado na Escola Médico-Cirúrgica do Porto aos 21 anos. Aí lecionou, antes de rumar à capital onde desenvolveu um amplo trabalho enquanto higienista, professor da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa e diretor do Instituto Central de Higiene, estabelecimento que fundou em 1899 e dirigiu até 1926. Enquanto médico municipal, foi fundador e diretor dos Serviços Municipais de Higiene da cidade do Porto, tendo sido figura-chave na abordagem e resolução da epidemia de peste que assolou a cidade em 1899. Desde 1912 passou a ser o representante português no *Office International d'Hygiène Publique*, para o qual realizou variadíssimos relatórios sobre doenças infecciosas, incluindo a peste, cólera, febre-amarela, varíola e outras. No seguimento do trabalho desenvolvido no *Office*, integrou o Comité de Higiene da Sociedade das Nações. Em 1916 e 1917 visitou os dispositivos sanitários dos exércitos britânicos e francês da frente ocidental. Enquanto Director-geral de Saúde desempenhou um papel ativo na gestão sanitária do combate a vários surtos epidémicos, de que ressalta a epidemia de gripe que atingiu Portugal entre 1918-1919. Em 1928 saiu da Direção Geral de Saúde, sendo nomeado presidente técnico do Conselho Superior de Higiene. Veio

---

<sup>53</sup> COSTA, Rui Manuel Pinto – Sob o olhar da construção da memória: Ricardo Jorge na tribuna da História? *CEM. Cultura, Espaço & Memória*. Porto. 5 (2014) 261-274.

a falecer em 1939 em Lisboa, com a idade de 81 anos. Fez parte de uma das gerações mais relevantes da história da medicina e da farmácia portuguesas, sendo autor de uma extensa bibliografia que compreende mais de 300 títulos.<sup>54</sup> Muito se escreveu sobre o seu papel e personalidade, sendo também objeto de particular atenção em diversos trabalhos de investigação.<sup>55</sup>

Poucos cientistas portugueses do seu tempo terão atingido a projeção internacional, e sobretudo europeia que Ricardo Jorge acabou por obter. Absorveu os ventos de mudança da ciência europeia da segunda metade do século XIX, e foi também no contexto dos grandes centros da sanidade internacional, precisamente com sede na Europa central, que desenvolveu uma enorme parte do seu trabalho enquanto higienista, onde se destacou, obtendo a consideração dos seus congéneres estrangeiros.

## 2 – Exemplo de modernidade científica

A modernidade científica ricardiana assenta em alguns aspetos, principalmente na aceitação do paradigma microbiano aberto por Pasteur. Apesar da revolução pasteuriana estar na base dessa mudança, Koch era outro dos nomes da medicina estrangeira que serviu de esteio à construção da bacteriologia. Como sublinharia, “Quando os destinos de higienista me levaram ao aprendizado da bacteriologia, era Koch o pontífice da patologia infecciosa; a sua técnica, ao mesmo tempo simples e engenhosa, punha a

---

<sup>54</sup> COSTA, Rui Manuel Pinto - Sob o olhar da construção da memória: Ricardo Jorge na tribuna da história. *CEM. Cultura, Espaço & Memória*. 5 (2014) 261-274.

<sup>55</sup> COSTA, Rui Manuel Pinto - Sob o olhar da construção da memória: Ricardo Jorge na tribuna da história. *CEM. Cultura, Espaço & Memória*. 4 (2014) 261-274; NUNES, Maria de Fátima - Ricardo Jorge and the construction of a medical-sanitary public discourse. Portugal and International scientific networks. In: PORRAS GALLO, Maria-Isabel; RYAN, Davies A. - *The Spanish Influenza Pandemic of 1918-1919 - Perspectives from the Iberian Peninsula and the Americas*. Rochester: University of Rochester Press; 2014, p. 56-71; AMARAL, Isabel, et al, coord. - *Percursos da Saúde Pública nos séculos XIX e XX - a propósito de Ricardo Jorge*. Lisboa: CELOM; 2010; PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui - Liturgia higienista no século XIX - pistas para um estudo. *Revista de História das Ideias*. 15 (1993) 437-559.

pesquisa bacteriana ao alcance dos profanos. Evangelizou a ciência recém-nada e liberalizou a todos o seu catecismo didático de laboratório.”<sup>56</sup>

No caso da medicina, o laboratório assumiu o papel avalizador e construtor do conhecimento de base experimental, com o que conseguiu atribuir a origem de uma série de doenças a outros tantos microrganismos, revolucionando não só o conhecimento etiopatogénico mas também as medidas e mecanismos destinadas a controlá-los. Pasteur introduz a hipótese do parasitismo como mecanismo patogénico, conduzindo-o a estabelecer o princípio do isolamento como medida preventiva e aprofundando a conceção de imunidade artificial, posta em prática com o carbúnculo e a raiva. Estes novos elementos estruturantes do saber e poder dos médicos permitiram transformar a higiene pública numa disciplina médico-farmacêutica de pleno direito no quadro das disciplinas do domínio das ciências da saúde. Ainda durante a sua permanência no curso da Escola Médico-Cirúrgica do Porto, Ricardo Jorge assistiu ao momento em que a medicina foi tomada de assalto pela revolução pasteuriana.

Quando terminava o curso na escola médica, ainda não tivera a oportunidade de observar diretamente, senão em figuras, os seres microscópicos e as bactérias que Pasteur anunciava. A efervescência e novidade da ciência microbiológica abria janelas de conhecimento e novas possibilidades de aprendizagem, mas os défices tecnológicos da escola, expressos pelo uso limitado do microscópio, obstavam a uma aprendizagem prática da histologia, da fisiologia experimental e da bacteriologia.

“A nós, o que nos desesperava, era não vermos os decantados e disputados microrganismos. Quando nos seria dado enxergá-los por um óculo, real e verdadeiramente, em vez de imagens’ o uso do microscópio era quase desconhecido, ignorávamos de visu as bactérias de Pasteur, como ignorávamos as próprias células de Virchow. Pôde tanto esta carência que nos consagrámos avidamente ao aprendizado autodidático da histologia primeiro, da fisiologia experimental depois, e da bacteriologia por fim; (...) Não admire que, mal compreendido ainda o pastorismo como doutrina, à ciência e à técnica dos micróbios se não abrisse logo lugar no ensino. A nova

---

<sup>56</sup> JORGE, Ricardo – *De Ceca e Meca*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1961, p. 142.

patologia infecciosa desconcertava as inteligências; conheci lentes e médicos de real talento, saber e capacidade que não havia meio de a abrangerem.”<sup>57</sup>

Apesar da extensa lista de cientistas que seguiram rapidamente as pisadas de Pasteur, tanto as descobertas microbiológicas como a questão da propagação das doenças não tiveram aceitação imediata. Envolvido inicialmente em polémica e visado pelo contraditório, a aceitação generalizada acabaria por se afirmar não só em França como em todo o mundo, não sem antes ultrapassar um período de validação. Portugal também foi palco desse processo cauteloso de assimilação e aceitação que deu azo à dúvida e ao contraditório.

A influência da bacteriologia no jovem Ricardo Jorge foi determinante, não só na modernização do ensino médico, como na sua posterior apologia higienista. Mas se para ele o processo de assimilação dos novos cânones científicos se fez sem sobressaltos, o mesmo não aconteceu em todo o lado. Um pouco à semelhança do processo de “pasteurização” da França, terminologia que Bruno Latour adotou para caracterizar a expansão da bacteriologia no contexto francês,<sup>58</sup> Portugal também atravessou um período de aceitação ao novo paradigma microbiológico. Tal como parte substancial da elite médica, também não se escusou de ver no químico francês a pedra basilar da medicina moderna e da higiene pública, à qual “Pasteur dera corpo e alma (...), forjando as armas da profilaxia anti-infecciosa.”<sup>59</sup> Enfileirou claramente pelos cultores da nova batuta de sabor pasteuriano, acabando por ter na propaganda higienista o instrumento mais visível do seu alinhamento. Ele próprio foi o vetor dessa propaganda em vários momentos, antes mesmo desta polémica de 1887, logo a partir das famosas palestras de 1884. Recordando a excitação em torno do advento

---

<sup>57</sup> JORGE, Ricardo – *A propósito de Pasteur: discurso proferido em comemoração do centenário pastoriano na Faculdade de Medicina de Lisboa, aos 25 de Abril de 1923*. Lisboa: Portugália, 1923, p. 34-35.

<sup>58</sup> LATOUR, Bruno – *The Pasteurization of France*. Cambridge, London: Harvard University Press, 1988.

<sup>59</sup> JORGE, Ricardo – *A propósito de Pasteur: discurso proferido em comemoração do centenário pastoriano na Faculdade de Medicina de Lisboa, aos 25 de Abril de 1923*. Lisboa: Portugália, 1923, p. 51.



da microbiologia no Laboratório Municipal do Porto, Almeida Garrett recordaria o local do “(...) laboratório organizado por Ricardo para as pesquisas bacteriológicas, que deviam acender nele clarões de entusiasmo, de certo emocionantes, nessa era de sol nascente da microbiologia, promotor de magníficos triunfos sobre a doença e a morte.”<sup>60</sup>

Consciente do atraso da escola médica portuense na formação dos alunos e até da própria sensibilidade de uma parte do corpo docente para a era pasteuriana, Ricardo Jorge fez parte de um corpo médico que inseriu em Portugal os ventos da teoria pasteuriana e, paralelamente, da microscopia histológica.

Outra vertente da modernidade científica ricardiana assenta na problemática do higienismo, assente na ideia sanitária de Edwin Chadwick. Entre 1885 e 1899, Ricardo Jorge publicou diversos títulos que se debruçavam de forma direta sobre o problema da higiene. Elaborados em contextos algo díspares na sua origem, como foram as conferências de 1884 realizadas no rescaldo de uma polémica em torno dos cemitérios do Porto, ou já no papel de técnico higienista nos relatórios sobre o saneamento do Porto em 1888 e 1897, os objetivos do seu discurso convergiam na promoção sociopolítica da higiene. A sermãoária do higienismo era predicada por um Ricardo Jorge plenamente convicto das suas verdades científicas, que não assentavam apenas em meras suposições mas nos firmes alicerces de uma bacteriologia que atingia a sua maioridade e se impunha como um dos pilares da medicina moderna. A ignorância não podia ser razão para a falta de atitudes profiláticas que atingiram a plena confirmação científica: “O código dos direitos naturais do homem sagrou a liberdade do pensamento para todo o sempre; mas a liberdade de pensar, que deve merecer toda a tolerância e respeito, não se confunde com a liberdade de ser ignorante. Essa fulmine-se.”<sup>61</sup>

Pelo menos desde 1884 que nas suas famosas conferências realizadas no Porto fazia a apologia do higienismo como fator determinante para o bem-estar físico do indivíduo e da sociedade. Concebia a higiene como a

---

<sup>60</sup> GARRET, António de Almeida – Ricardo Jorge, higienista. *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. Vol. 4. Fasc. 4 (1941), p. 372.

<sup>61</sup> JORGE, Ricardo – *Higiene social aplicada à Nação Portuguesa. Conferências feitas no Porto*. Porto: Livraria Civilização, 1885, p. V.

“(...) filha diletta da civilização moderna (...)”<sup>62</sup> sem lhe regatear louvores nem aplausos. Por estar “(...) intimamente relacionada com o desenvolvimento monstruoso das ciências, das artes e das indústrias (...)”,<sup>63</sup> fazendo profissão de fé no seu potencial enquanto ciência integrante da ideia de progresso que perpassou toda a 2ª metade do século XIX. Na verdade, a base por traz da ideia sanitária não era nova. Originária da Europa ocidental, e ligada a Edwin Chadwick desde 1843, consistia na criação de uma administração central dedicada à gestão da saúde pública, de modo a orientar as autoridades locais no sentido de criar redes de esgotos, limpeza urbana, condições de habitabilidade e ainda regulamentar atividades comerciais e laborais consideradas insalubres. A base deste modelo teve por objetivo principal a prevenção da transmissão das doenças de pendor infeccioso, circunscrevendo-as. Esta ideia foi entretanto exportada para outros países e continentes, com conseqüências e implementações diferentes, mas obedecendo a princípios comuns.

O despertar do interesse pelo tema coincidiu com o momento em que Ricardo Jorge passa a exercer funções letivas. Enquanto assunto de escolha dos alunos finalistas nas suas teses inaugurais na escola médico-cirúrgica, durante as décadas de 60 e 70 o higienismo apresentava um peso reduzido no cômputo geral das temáticas de eleição, algo que mudaria progressivamente nas décadas de 80 e 90. Antes disso era residual e quase inexistente, se bem que já existisse desde 1863 uma cadeira de Medicina Legal e Higiene Pública nas escolas médico-cirúrgicas.

Por outro lado, a teoria celular introduzida por Rudolf Virchow, também conhecida como o celularismo de Virchow, deixara em Ricardo Jorge uma forte impressão. A leitura da *Patologia Celular* do histologista alemão despertara-lhe a vontade de se dedicar à construção da ciência médica de base experimental:

“Virchow – fui seu leitor assíduo quando aprendia os rudimentos da profissão nas bancadas escolares. Era o meu livro de debaixo do

---

<sup>62</sup> JORGE, Ricardo – *Higiene social aplicada à Nação Portuguesa. Conferências feitas no Porto*. Porto: Livraria Civilização, 1885, p. III.

<sup>63</sup> JORGE, Ricardo – *Higiene social aplicada à Nação Portuguesa. Conferências feitas no Porto*. Porto: Livraria Civilização, 1885, p. III.

braço e do travesseiro, que guardo como relíquia; na minha paixão juvenil tinha-o por epítome da ciência a que me ia dedicar. Aquela Patologia Celular, produção de verdadeira genialidade, não é apenas o maior livro da medicina do século, é a carta constitucional de toda a sistematização médico-científica e médico-prática, temporânea e futura.”<sup>64</sup>

Numa altura em que o exercício da profissão médica ainda era permeada pelos laivos de um sacerdócio laico, Ricardo Jorge pendia rapidamente para o campo aberto pela modernidade científica. Mostrava abertamente uma fé inabalável no progresso protagonizado pela mão da ciência de matriz positivo, para quem “A ciência moderna, propelida pela mão potente do progresso, rasga um horizonte radioso, e, presa d’uma curiosidade insaciável, envida as suas forças na renovação incessante das ideias e dos factos, labuta na dilatação dos âmbitos que a circunscvem.”<sup>65</sup> Nessa altura o positivismo estruturava as bases da educação europeia a partir da conceção de Auguste Comte, assente na ideia de progresso associada à evolução como forma de entender o mundo social. A revista *O Positivismo* (1879-1882) fundada por Teófilo Braga e Júlio de Matos, contaria entre os seus colaboradores alguns nomes sonantes da medicina portuguesa de então, entre outros, Augusto Rocha, Bettencourt Raposo, Cândido de Pinho, e até de Basílio Teles, que durante algum tempo chegou a frequentar a Escola Médico-Cirúrgica do Porto.

Estranhamente – diríamos nós, se tivermos em atenção a influência da corrente positivista comtiana na geração médica de então – encontrava-se muito menos próximo do positivismo comtiano do que se poderia pensar, revelando-se mais alinhado com o positivismo inglês de John Stuart Mill e o evolucionismo de Herbert Spencer, por força da formação na escola médica.<sup>66</sup>

---

<sup>64</sup> JORGE, Ricardo – *De Ceca e Meca*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1961, p. 141.

<sup>65</sup> JORGE, Ricardo – *Um ensaio sobre o nervosismo*. Dissertação inaugural apresentada e defendida perante a Escola Médico-Cirúrgica do Porto. Porto: Tip. Ocidental, 1879, p. 1.

<sup>66</sup> JORGE, Ricardo – [Prefácio]. In PIMENTA, Alfredo – *Estudos filosóficos e críticos*. Prefácio do Prof. Dr. Ricardo Jorge. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1930, p. XVII - XVIII.

### 3 - Uma viagem pelas catedrais do saber (1882 – 1883)

Ricardo Jorge parte para Paris em 1882, de onde seguiria posteriormente para Estrasburgo, com o intuito de estudar neurologia durante um período de aproximadamente um ano. O contacto direto com os personagens e laboratórios dos grandes centros científicos franco-alemães da altura marcaram-no de forma decisiva, abrindo novos horizontes e aguçando-lhe o espírito crítico. Aquando da estadia na capital francesa, morava numa pensão na Rua Fleurus, no Quartier Latin, tendo conhecido outros portugueses que por aí tirocinavam, não só na medicina (Bettencourt Rodrigues) mas também nas artes (Columbano).<sup>67</sup>

Nessa altura não eram muitos os médicos enviados em missão de estudo, sendo relativamente mais comum encontrar alunos pensionados pelo Estado para estudar Belas Artes do que qualquer outro ramo da ciência. No entanto, desenhava-se uma tendência migratória sazonal que pretendia suprir através de estágios e períodos de formação no estrangeiro o que ainda fazia falta no contexto nacional. Poucos anos antes, em 1878, o professor António Augusto da Costa Simões enviara um dos lentes substitutos da Faculdade de Medicina de Coimbra em comissão a França, Inglaterra e Alemanha para estudar a histologia e fisiologia dos centros nervosos. Tal como outros médicos coevos atraídos pela fisiopatologia do sistema nervoso, Ricardo Jorge sentia que faltava ainda o experimentalismo associado à prática clínica, elo que conseguiu buscar fora do país, introduzindo na escola portuense o que ainda há pouco começava a fazer cátedra nos outros estabelecimentos de ensino médico. A obra de Jean-Martin Charcot seduzia-o desde os tempos de aluno, o que se encontra patente não só na sua dissertação inaugural como na de Magalhães Lemos, a que

---

<sup>67</sup> Cf. JORGE, Ricardo – *De Ceca e Mecca*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1961, p. 91 e 105.

presidira nesse mesmo ano.<sup>68</sup> Daí que na Salpêtrière frequentasse o curso ministrado pelo próprio Charcot, neurologista francês mundialmente famoso, enquanto em Estrasburgo esteve com os professores Friedrich Goltz, Ernst Hoppe-Seyler, Friedrich von Recklinghausen e Wilhelm von Waldeyer, num ambiente em que o experimentalismo fazia cátedra em todas as áreas da medicina.<sup>69</sup>

No caso das lições de Charcot, poucas coisas o terão deixado mais impressionado. A neurologia como ciência era apresentada numa aula feita espetáculo, exposta num cenário que pouco devia às apresentações teatrais mais concorridas:

“A grande lição da sexta-feira, onde há dois ou três anos, acorreu o tout-Paris, desde o Paris *des savants à lunettes* ao Paris *blasseur et blasé* dos *foyers* e dos boulevards, quando Charcot desvendava os mágicos mistérios da histeria-major, essa lição é o que há de mais maravilhoso no seu género. No grande anfiteatro, às vezes repleto até à porta onde o *larbin* recebe os bilhetes; brilha apenas a luz crua do gaz; no palco, onde só é dado o ingresso aos discípulos propriamente ditos, erguem-se à guisa de estandartes, ou antes de bastidores, sobre esteios de madeira, grandes reproduções coloridas de esquemas, de traçados gráficos, de preparações microscópicas, etc.; (...) Entra o mestre, cortejado pelos seus clientes - clientela científica que ali bebe o seu saber, que o ajuda à conquista da glória, e de ali granjeará, graças ao nobre patricio da medicina francesa, a sua posição professoral segundo a graduação dos seus merecimentos. (...) A lição decorre viva e animada; às reproduções pela estampa e pela lousa sucedem-se os exemplares mórbidos, demonstrados e exibidos com um primor inexcelsível. O *tableau* final é a projeção pela lâmpada de Dubosq de arco voltaico, de fotografias patológicas e de cortes microscópicos de medula ou cérebro.”<sup>70</sup>

---

<sup>68</sup> Cf. LEMOS, António de Sousa Magalhães e – *A Região Psicomotriz: apontamentos para contribuir ao estudo da sua anatomia*. Dissertação inaugural apresentada e defendida na Escola Médico-Cirúrgica do Porto. Porto: Tip. Ocidental, 1882.

<sup>69</sup> Cf. JORGE, Ricardo – *Relatório apresentado ao Conselho Superior de Instrução Pública na sessão de 1 de outubro de 1885 pelo vogal da secção eletiva [...]*. Porto: Imprensa Moderna, 1885.

<sup>70</sup> JORGE, Ricardo – Lugares seletos – O professor de Medicina em Portugal em 1885. *Boletim do Instituto Superior de Higiene Doutor Ricardo Jorge*. Vol. II. N° 5 (1947)

Por seu turno, em 1883 a universidade de Estrasburgo era considerada um centro de excelência da medicina alemã, e talvez mais do que em Paris, recolhe uma impressão muito positiva da metodologia científica e especialização do corpo docente: Waldeyer na anatomia, Goltz na fisiologia, Kussmaul na clínica, Recklinghausen na anatomia patológica. A patologia celular de Virchow que tinha atingido grande aceitação na altura em que cursara na EMCP, não só o seduzira como presidira à sua educação histológica. Da mesma maneira se encantou com a banalização da microscopia nos trabalhos de fisiologia experimental que presenciara na Alemanha:

“Quando em janeiro de 1883 visitava Estrasburgo, simultaneamente glória militar e glória académica da nova Germânia bismarckiana, se me enchiam de pasmo a fábrica e a instalação dos seus admiráveis institutos, não menos me assombraram a assiduidade de trabalho dos sábios eméritos, seleccionados pelo governo, para adornarem o renascimento da Universidade alsaciana sobre que paira a sombra luminosa do imortal Goethe. Eram dias feriados; mas Goltz com os adjuntos manejava a sua peritíssima experimentação no gabinete que se ostenta no edifício circundado por uma faixa de pedra onde o cinzel lavrou os nomes gloriosos dos grandes fautores da ciência fisiológica; Hope-Seyler, o labutador emérito da química biológica, não deixava adormecer as retortas no seu enorme laboratório; Recklinghausen, enfim, com os seus assistentes, no Instituto que partilha com Waldeyer, estava apegado à sua banca de microscopia.”<sup>71</sup>

Este período despendido em formação e aperfeiçoamento não era prática inusual par a época, sobretudo quando se tratava de professores das escolas médico-cirúrgicas. Ricardo Jorge será apenas um dos que começam

---

61. Extraído do *Relatório apresentado ao Conselho Superior de Instrução Pública*, na sessão de 1 de outubro de 1885.

<sup>71</sup> JORGE, Ricardo – Lugares seletos – O professor de Medicina em Portugal em 1885. *Boletim do Instituto Superior de Higiene Doutor Ricardo Jorge*. Vol. II. N° 5 (1947)

62. Extraído do *Relatório apresentado ao Conselho Superior de Instrução Pública*, na sessão de 1 de outubro de 1885.

a realizar esses périplos, que se vão tornando cada vez mais comuns nas décadas seguintes. Enviados no contexto de missões de aperfeiçoamento e formação, ou mesmo com o intuito de implementar novas práticas terapêuticas, as especialidades médicas emergentes de finais do século XIX difundiram-se e sedimentaram-se em larga medida à custa deste expediente formativo.

Fruto da comparação que pôde estabelecer entre a realidade que experienciara em 1883 na digressão europeia e aquilo que era a formação médica e investigação laboratorial portuguesa, deu início a um curso de anatomia dos centros nervosos, criando o Laboratório de Microscopia e Fisiologia do Porto.

“À fisiologia dediquei-me depois, à volta do estrangeiro – em 1883. Com a aquiescência do Azevedo Maia encomendei o material que existe ainda. Encetei os trabalhos e durante anos fazia eu, eu só, as demonstrações microscópicas e experimentais aos alunos do curso de fisiologia.”<sup>72</sup>

Os horizontes abertos pela digressão científica franco-alemã permitiram-lhe traçar um conjunto de comparações entre os modelos de ensino médico que vira e o que vivenciara no Porto, que muito contribuíram para a elaboração de um relatório particularmente voltado para a reforma do ensino médico. Também não poupou críticas à ausência de investimento em várias áreas, e em particular a histologia, que ele próprio tentara desenvolver desde 1882. Esta primazia de Ricardo Jorge no tocante à introdução da histologia e fisiologia experimental deve entender-se no contexto restrito da EMCP, por sua vez inserido numa conjuntura de valorização destas novas áreas do saber biomédico, então em voga.

A modernização dos estudos médicos em Coimbra na década de 60 já tinha levado alguns elementos do corpo docente conimbricense a viagens de estudo pela Alemanha, França, Bélgica e Inglaterra, com o objetivo de

---

<sup>72</sup> Missiva de Ricardo Jorge cit. in COELHO, Eduardo – *Ricardo Jorge, o médico e o humanista*. 2ª ed. revista e ampliada. Lisboa; Barcelona; Rio de Janeiro: Livraria Luso-Espanhola Lda, 1961, p. 170.

introduzir a histologia e a fisiologia como disciplinas de natureza experimental. Protagonizado na década de 60 por Augusto da Costa Simões e Costa Duarte da Universidade de Coimbra,<sup>73</sup> o primado do pioneirismo na histologia aberto nessa altura acabaria por incluir posteriormente outros personagens como May Figueira, Joaquim Inácio Ribeiro, Gaspar Gomes, Augusto Rocha, Silva Amado, Filomeno da Câmara, António Plácido da Costa, Eduardo de Abreu, Lopo de Carvalho, Paula Nogueira e o próprio Ricardo Jorge.

Por seu turno, há que entender que também a fisiologia experimental era ainda um ramo da ciência médica com expressão limitada no país, cujo ensino sistemático se encontrava temporalmente desfasado face à realidade francesa, alemã ou britânica. A viagem de estudo colocara-o em contacto direto com a ciência da objetividade:

“A visita dos laboratórios e a frequência dos cursos indicaram-me as necessidades mais imediatas e os aparelhos mais indispensáveis. Quando regresssei, o professor de fisiologia [Azevedo Maia], que ansiava por se desviar da rota batida do subjetivismo tradicional, e eu apresentamos ao Conselho uma lista dos instrumentos que deviam ser imediatamente comprados. Uma vez empenhados neste caminho, formava-se um bom núcleo de arsenal de experimentação, e no penúltimo ano letivo inaugurava-se pela primeira vez em a nossa escola a fisiologia prática.”<sup>74</sup>

Se a primeira iniciativa para criar uma cadeira de histologia foi feita alguns anos antes em Coimbra pela mão de Costa Simões, em 1885 Ricardo Jorge continuava a lutar pelo estabelecimento de uma cadeira igual no curso da escola portuense, onde se reconhecia que “A mísera ciência dos Bichat

---

<sup>73</sup> Cf. SIMÕES, António Augusto da Costa – *Relatórios de uma viagem científica*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1866. Trata-se do relatório das atividades e ensinamentos recolhidos nas viagens encetadas por Costa Simões e Costa Duarte a partir de 18 de agosto de 1864. O objetivo do périplo que os levou pela Alemanha, França e Suíça, ajudou a desenvolver o ensino da histologia e fisiologia na Faculdade de Medicina.

<sup>74</sup> JORGE, Ricardo – *Relatório apresentado ao Conselho Superior de Instrução Pública na sessão de 1 de outubro de 1885 pelo vogal da secção eletiva [...]*. Porto: Imprensa Moderna, 1885, p. 119.



e dos Virchow não tem ainda direito de cidade no curso escolar; e como a lei lhe não consagrava existência de direito, também não tinha existência de facto. Bem poucos anos nos separam da época em que o pobre microscópio jazia inerte e quase totalmente desconhecido”.<sup>75</sup> Referia-se, pois, ao uso sistemático do microscópio em trabalhos de histologia com que vira trabalhar Recklinghausen e Waldeyer nos seus laboratórios de anatomia patológica.

Não se restringindo às questões formativas, as críticas que formulou também apontavam para outros problemas, entre os quais a remuneração dos docentes e as condições técnicas ligadas ao ensino e investigação. As dissertações inaugurais que surgiam todos os anos da pena dos finalistas das escolas médico-cirúrgicas também não foram poupadas, revelando atropelos sérios, tanto no mérito quanto na ética dos seus relatores:

“Desventuradamente para nós a grande massa das dissertações reduz-se a papel estragado no prelo e que não pode senão a baixa serventia. São coisas indignas de ler-se, que desdouram não só o neófito como o estabelecimento de que o deixa habilitar à posição médica. O júbilo de contar mais uma tese de merecimento não é muito vulgar para a escola do Porto. (...) O ideal do fazedor da tese reduz-se a engendrar uma mayonnaise esfarrapada dos ripanços que pode haver à mão; a audácia e o menosprezo chegam a tal ponto de traduzir barbaramente qualquer dissertação francesa, a ver se lo-gram, como tantas vezes conseguem, presidente e júri. Destas infandas farsas podia eu oferecer picarescos exemplos.”<sup>76</sup>

Em consonância direta com a polémica que vai levantando ao apontar estes e outros problemas de ordem académica, cresce também em prestígio, tornando-se uma voz de clara proeminência e destaque no mundo da ciência em geral, e na medicina em particular.

---

<sup>75</sup> JORGE, Ricardo – A Escola Médico-Cirúrgica do Porto. In ALVES, Jorge Fernandes (coord.) – *O Signo de Hipócrates. O Ensino Médico no Porto segundo Ricardo Jorge em 1885*. [s.l.]: Sociedade Portuguesa de Gastreterologia, 2003, p. 137.

<sup>76</sup> JORGE, Ricardo – A Escola Médico-Cirúrgica do Porto. In ALVES, Jorge Fernandes (coord.) – *O Signo de Hipócrates. O Ensino Médico no Porto segundo Ricardo Jorge em 1885*. [s. l.]: Sociedade Portuguesa de Gastreterologia, 2003, p. 112-114.

#### 4 - Viajando pela Europa...e não só...

A partir de 1909 Ricardo Jorge inicia uma série de viagens regulares ao estrangeiro, sobretudo na Europa. Às que se realizaram em contexto oficial na qualidade de representante português no *Office*, na Organização de Higiene da SDN, ou em congressos internacionais de medicina, acrescem aquelas que realizou por motivos de saúde ou em contexto de lazer.

O contexto inicial dessas digressões prende-se sobretudo com a participação no *Office*, reuniões regulares que a partir de 1912 o levariam com frequência a Paris e Genebra, motivando a escrita de uma série de impressões de viagem, muitas delas compiladas em volumes de grande aceitação junto do público. No pós-guerra essas viagens levam-no a paragens mais distantes. Para além das passagens pela França e Suíça nas primeiras duas décadas do século XX, nos anos 20 e 30 percorre outros países: Espanha, Reino Unido, Bélgica, Holanda, Alemanha, Áustria, Mónaco, Itália, seguindo-se a Jugoslávia, a Roménia, o Egipto, a Palestina, a Síria e Marrocos. Desde as memórias passadas numa Paris marcada pelo espectro da guerra às referências aos períodos de convalescença na Suíça, passando pelas digressões culturais a museus, galerias de arte e bibliotecas de várias cidades europeias, pelas viagens realizadas em contexto de congressos sanitários internacionais, de reuniões do Comité de higiene da SDN, ou apenas pelas vistas turísticas, viajar tornou-se algo de banal e para um Ricardo Jorge “vagamundo”.

Resultaria daqui um conjunto heterogéneo de narrativas e impressões de viagem dispersas por vários periódicos, “(...) onde receberam por vezes um acolhimento inesperado, (...)”<sup>77</sup>. Posteriormente coligidas em forma de livros adendados com artigos inéditos e anotações diversas, entre 1923 e 1925 saem do prelo três dessas

---

<sup>77</sup> JORGE, Ricardo – *Canhenbo dum Vagamundo. Impressões de viagem*. Lisboa: Empresa Literária Fluminense, 1923, p. VIII.

coletâneas: *Canbenho dum Vagamundo* (1923), que conhece um sucesso assinalável obrigando a uma 2ª edição em 1924, seguido de *Passadas de Erradio* (1924) e *Sermões dum Leigo* (1925). As *Passadas de Erradio* conhecem uma 2ª edição em 1926. Em 1961 seria dada à estampa uma obra póstuma com relatos de viagem ainda inéditos ou ainda não reunidos em livro, com o sugestivo título: *De Ceca e Meca*. Se tivermos em consideração as tiragens e as diferentes edições, verificamos que constituíram o conjunto de obras mais lido pelo grande público: *Canbenho dum Vagamundo* contou com uma tiragem de 7 000 exemplares, *Passadas de Erradio* com 4 000 e os *Sermões dum Leigo* com uma impressão de 2 000 exemplares.

Entre museus, monumentos e catedrais, descreveu com minúcia várias obras de arte dispersas por vários museus europeus e do Médio Oriente. Granada, Toledo, Córdoba, Madrid, Barcelona, Paris, Lyon, Bruxelas, Haia, Amsterdão, Leiden, Berlim, Dresden, Londres, Turim, Florença, Veneza, Nápoles, Istambul, Jerusalém e Cairo. Mais do que uma catarse, as viagens e a contemplação do belo completavam-lhe a existência.

“Neste declinar melancólico dos anos em que a emotividade externa se desgasta, não há nada que mais gratamente me comova do que o espetáculo das grandes obras de arte. Sensibilizo-me ao máximo ver-me no recinto da zeca de Córdoba, da Alhambra de Granada, da mesquita de Omar em Jerusalém, de Santa Sofia de Bizâncio, de S. Marcos de Veneza...Ao primeiro rodar de vista pela sala dos primitivos em Bruxelas as pálpebras de puro gozo se humedeceram.”<sup>78</sup>

Pelos locais onde passava dedicava-se a recolher postais que depois enviava à esposa. Espanha, França, Mónaco, Suíça, Reino Unido, Alema-

---

<sup>78</sup> JORGE, Ricardo – Um vôo a Londres. VI – Pelos Museus. In JORGE, Ricardo – *Canbenho dum Vagamundo. Impressões de viagem*. 7º Milhar. Lisboa: Empresa Literária Fluminense, 1924, p. 85.

nha... a mera passagem de olhos pela coleção de postais, cartas e telegramas escritos nesses lugares denota o particular carinho que dedicava à mulher Leonor.<sup>79</sup> Em fevereiro de 1922 viaja de Trieste para Alexandria, demandando as terras do próximo oriente. Fê-lo em conformidade com a colaboração da Sociedade das Nações na defesa da europa contra a peste, a cólera, e o perigo das peregrinações a Meca levarem a epidemia de cólera os países de origem. Neste contexto visita o Cairo, Jerusalém, Damasco, Beirute e Constantinopla. Em julho de 1922 partia para Londres onde participaria no Congresso de História da Medicina que teve lugar na Royal Society of Medicine.

Nesse mesmo ano não deixaria de salientar a depreciação monetária do escudo quando comentava o valor pago pela passagem de uma das suas muitas viagens: “Vou ao vizinho escritório do Lloyd receber o bilhete, mandado entregar já pago pela Direção Médica da Sociedade das Nações. Custou a módica quantia de 41 libras esterlinas, correspondentes a três dias previstos de viagem, quer dizer, uma diária aproximada de 800 escudos do nosso depreciado numerário. É de arrepiar!”<sup>80</sup> No mesmo ano, ao visitar o British Museum de Londres voltava a apontar que “(...) mais do que uma vez obtive a reprodução de peças interessantes para os meus trabalhos de amador da paleoliteratura, copiadas a rigor (...) a preços acessíveis antes da era nefasta da desvalorização da moeda nacional.”<sup>81</sup> Mesmo assim, nada que se compare à depreciação do marco alemão, que em novembro de 1923 o levava a sublinhar: “não sei de exemplo mais clamante do grau de delírio atingido pela mentalidade europeia de após-guerra do que a seriedade aritmética com que se exprime em unidades seguidas de não sei quantos zeros o câmbio alemão e à sua semelhança outros câmbios avariados.”<sup>82</sup>

Fosse pela presença regular no *Office*, fosse pelos diversos congressos e eventos a que atendeu, as viagens tornaram-se parte integrante do

---

<sup>79</sup> Cf. BNP. Esp. E18/Cx. 1, 2 e 27.

<sup>80</sup> JORGE, Ricardo – *De Ceca e Meca: impressões e estudos de viagem*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1961.

<sup>81</sup> JORGE, Ricardo – Um vôo a Londres. VI – Pelos Museus. In JORGE, Ricardo – *Canbenho dum Vagamundo. Impressões de viagem*. 2ª Edição corrigida. Lisboa: Empresa Literária Fluminense, 1924, p. 78.

<sup>82</sup> JORGE, Ricardo – Aspetos de Paris. In JORGE, Ricardo – *Passadas de erradio*. 2ª edição, revista. Lisboa: Empresa Literária Fluminense, 1926, p. 167.

ofício de sanitarista. Em 1933, contando já 75 anos de idade, emprestou-nos o breve desabafo de um dos seus anos de maior movimento:

“Vim de arrancada o verão passado pelo Oriente-expresso, desde Bucareste a Marselha, saltando de congresso em congresso, onde tinha de ser presente e falante por imposição de camaradagem e colaboração. Na larguíssima estrada, em que as horas se sucedem mais lentas ainda que as tradicionais noites de Lamego, anda o pensamento destravado aos trambolhões, juguete de tudo quanto lhe jorra o subconsciente ou os olhos lhe fazem á flux de tanta estranha terra atravessada.”<sup>83</sup>

## 5 - No mundo da saúde internacional: o *Office International d'Hygiène Publique*

No seguimento das Conferências Sanitárias Internacionais do século XIX, a partir de 1912 Ricardo Jorge passa a representar Portugal no novo organismo internacional dedicado ao acompanhamento dos problemas sanitários e a sua epidemiologia, o Office Internationale d'Hygiène Publique (OIHP). Nessa casa internacional, dedicou-se a extensos trabalhos epidemiológicos, em consonância com os objetivos das convenções sanitárias, realizando um extenso trabalho epidemiológico.<sup>84</sup> Paralelamente, continuou no Instituto Central de Higiene em Lisboa, onde era diretor. Na verdade, o ICH tornou-se na plataforma onde procedeu ao desenvolvimento de muitos dos relatórios que apresentava no *Office*.

A criação do *Office International d'Hygiène Publique* estava ligada à anterior obra das Conferências Sanitárias Internacionais que decorreram ao longo do século XIX, e cujo objetivo era o de regulamentar a profilaxia internacional das grandes doenças epidémicas, cuja profilaxia se regia por

---

<sup>83</sup> JORGE, Ricardo – Soalheiras e Desportes. *Diário de Lisboa. Edição mensal*. 1º Ano. Nº 3 (1 a 30 de julho de 1933) 27.

<sup>84</sup> Alguns dos vários trabalhos elaborados por Ricardo Jorge para o “Office” encontram-se referenciados em SOCIÉTÉ DES NATIONS – *Bulletin de L'Organisation d'Hygiène. Bibliographie des travaux techniques de L'Organisation d'Hygiène de la Société des Nations, 1920-1931*. Vol. XI. Genève: 1945, p. 69, 107, 141, 150 e 205.

medidas tomadas nas fronteiras marítimas e terrestres.<sup>85</sup> No entanto, este organismo internacional é o resultado dos efeitos algo limitados obtidos nessas conferências. Apesar de assentarem na ideia que a saúde dos povos devia ser tratada internacionalmente pelos governos, não se mostraram particularmente eficazes na regulamentação da sanidade internacional. Em número de 14, decorreram entre 1851 e 1938, tendo como objetivo regulamentar a profilaxia internacional das grandes doenças epidémicas.<sup>86</sup> As primeiras 6 foram dominadas praticamente pelos problemas do contágio e difusão da cólera, revelando-se infrutíferas no que tocava às medidas a adotar, fruto da falta de entendimento entre os países. Seguiram-se mais 4 antes do final do século, estabelecendo-se as primeiras regras de quarentena internacional na Conferência de Veneza (1892). Nas últimas cinco conferências foram estabelecidas convenções internacionais impondo a aplicação de medidas comuns pelos signatários. Apesar das boas intenções, as medidas tomadas permaneceram largamente defensivas e limitadas no seu espectro.

A Conferência de 1903 que teve lugar em Paris, recomendou a criação de um organismo internacional voltado para o acompanhamento dos problemas sanitários e a sua epidemiologia, que veio a chamar-se *Office Internationale d'Hygiène Publique*. Na Conferência de Roma de dezembro de 1907 os representantes de 13 países, incluindo Portugal, assinaram o texto fundador do OIHP, com sede em Paris. No entanto, a adesão de Portugal só se tornaria definitiva em 1911. Tendo começado a funcionar em Paris, foi a primeira organização sanitária internacional, não regional. Inicialmente formada por 12 países, em 1933 contava já com 51 membros, fruto de sucessivas adesões. O objetivo principal era o de recolher e divulgar as informações, factos e documentos provenientes do mundo inteiro que pudessem interessar à saúde pública junto dos Estados participantes, especialmente no que concerne às doenças infecciosas dominantes e o seu combate (cólera, peste, febre amarela, as febres tifoide e paratifoides, as doenças venéreas, varíola, brucelose tuberculose, lepra e outras). Não se ocupou

---

<sup>85</sup> Cf. OFFICE INTERNACIONAL D'HIGIÈNE PUBLIQUE – *Vingt-cinq ans d'activité de L'Office International D'Hygiène Publique. 1909-1933*. Paris: OIHP, 1933, p. 1.

<sup>86</sup> Paris (1851 e 1859), Constantinopla (1868), Viena (1874), Washington (1881), Roma (1885), Veneza (1892), Dresden (1893), Paris (1894), Veneza (1897), Paris (1903), Paris (1911-12, 1926 e 1938).

somente da luta contra as causas das epidemias, mas também com a poluição e purificação da água de consumo e outros problemas de higiene pública. O comité permanente, composto por delegados de todos os países reunia 2 vezes por ano em sessões com a duração aproximada de 10 dias., geralmente em abril ou maio e em outubro. As reuniões comportavam as sessões plenárias e as sessões das diversas comissões constituídas para examinar mais aprofundadamente as questões mais importantes e sobre as quais era necessário apresentar estudos, relatórios ou propostas de resolução a apresentar aos diferentes governos. Entre abril de 1914 e junho de 1919 o comité permanente não reuniu.<sup>87</sup>

Apesar de não ser um centro de descobertas, foi um centro de análise dos problemas existentes, funcionando como um vasto observatório mundial, registando os fluxos da varíola, da cólera, da febre-amarela, estabelecendo relações permanentes com os postos sanitários e os gabinetes de quarentena, particularmente vigilantes por ocasião dos grandes movimentos migratórios ligados às peregrinações, como a de Meca, e os fluxos de emigração para os Estados Unidos. Vigava também a evolução do paludismo tanto nas zonas tropicais como na Europa, fornecendo conselhos para a desratização dos navios e quanto à maneira de fabricar e de conservar as vacinas. Regista ainda os progressos verificados na luta contra as grandes epidemias microbianas e parasitárias da África ou do Extremo-Oriente.<sup>88</sup> A missão consagrada ao *Office* e publicada nos seus estatutos orgânicos, colocava em primeiro plano as Convenções Internacionais relativas à saúde pública e todas as atividades que se lhe relacionem, mas também recolher e levar ao conhecimento dos Estados membros os factos e documentos de caráter geral que interessam à saúde pública. Para isso, desempenhou um papel de relevo na elaboração e aplicação das grandes convenções sanitárias e outros acordos internacionais que tocam as questões de ordem sanitária, documentação epidemiológica e científica sobre as doenças visadas pelas convenções.

---

<sup>87</sup> Sobre a criação, estatutos e atividade do OIHP, veja-se: OFFICE INTERNACIONAL D'HIGIÈNE PUBLIQUE – *Vingt-cinq ans d'activité de L'Office International D'Hygiène Publique. 1909-1933*. Paris: OIHP, 1933, p. 1-8.

<sup>88</sup> OIHP – *Vingt-cinq ans d'activité. L'office international d'hygiène publique. 1909-1933*. Paris: Office International d'Hygiène Publique, 1933, p. 1-8.

Sedimentados os conhecimentos progressivamente adquiridos sobre as doenças infecciosas dominantes, a Conferência de Paris (1911-12) elaborou nova convenção sanitária, conhecida como a Convenção Sanitária Internacional de 1912, e na Conferência seguinte, em 1926 estudaram-se as modificações a introduzir, provenientes das comissões internacionais e da nova Organização de Higiene, instituição entretanto criada pela SDN. O artigo 23 da Carta da Organização de Higiene estipulava que os Estados membros da SDN se esforçariam por tomar as medidas de cariz internacional para prevenir e combater as doenças, sobretudo as de natureza infeto-contagioso.<sup>89</sup>

A Conferência Sanitária Internacional de Paris de 1911-12 reuniu-se para determinar as medidas a tomar contra o problema da marcha invasora da cólera (mas abordando também a peste e a febre-amarela), completando uma regulamentação sanitária marítima internacional que até então não tinha sido capaz de dar resposta aos problemas de contágio internacional e evitar os entraves desnecessários ao comércio marítimo e circulação de passageiros. Nessa altura defrontaram-se visões distintas sobre a abordagem das crises epidémicas: os defensores das medidas quarentenárias e os defensores das medidas de desinfeção, opondo os formalismos históricos das vetustas práticas sanitárias marítimas às novas aquisições epidemiológicas, sancionadas pela experiência e pela observação.

Esse “conclave cosmopolita da higiene”,<sup>90</sup> como Ricardo Jorge lhes chamava, era composto por médicos higienistas, epidemiologistas e especialistas em estatística, na sua maioria professores das faculdades de medicina ou escolas de higiene dos estados, sobretudo diretores gerais e chefes de supervisores da administração higiénica dos seus países de origem.<sup>91</sup> Por essa razão, a OH tinha fundamentalmente uma ação educativa feita através de publicações, estudos epidemiológicos, viagens de estudo e ensino, feitos no âmbito da medicina preventiva e em colaboração com as

---

<sup>89</sup> Cf. SOCIÉTÉ DES NATIONS – *L'Organisation d'Hygiène*. Genève: Section d'information, 1931.

<sup>90</sup> Cf. esta interessante expressão no prefácio que fez a MONIZ, Egas – *Júlio Dinis e a Sua Obra*. Com inéditos do romancista e uma carta-prefácio de Ricardo Jorge. Lisboa: Casa Ventura Abrantes, 1924.

<sup>91</sup> JORGE, Ricardo – *De Ceca e Meca: impressões e estudos de viagem*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1961, p. 126.



administrações sanitárias dos diversos países. O combate às doenças, sobretudo as de caráter exótico e epidémico assumiu uma dimensão internacional, assente num espírito de colaboração entre estados. Harmonizaram-se as medidas profiláticas entre os signatários das convenções, tornando-as obrigatórias no controle das relações sanitárias entre os países.

Doente desde 1908, Ricardo Jorge torna-se num homem cronicamente enfermo a partir de 1911, razão pela qual não consegue participar na Conferência Internacional de Paris de 1911-12, na qual se fez substituir por António Augusto Gonçalves Braga, na altura Guarda-mor de saúde do porto de Lisboa.<sup>92</sup> No entanto, manteve-se em constante comunicação postal e telegráfica com António Braga, o seu substituto, enviando conselhos nas propostas a apresentar e as reservas nas que o deveria fazer.

Inicialmente de forma indireta, e a partir de 1912 sempre presente, Ricardo Jorge tomou parte ativa na revisão da Convenção Sanitária Internacional em vigor, bem como nos debates que tiveram lugar no Comité de Higiene da SDN no pós-guerra. Ele próprio acabaria mesmo por reconhecer, e com justiça, que na demorada elaboração da convenção sanitária internacional foi a participação portuguesa, britânica e norte-americana que mais contribuíram para o protocolo final.<sup>93</sup>

Desde os primeiros anos tornou-se notado: em 1911 relatou o caso da epidemia de cólera da Madeira, reforçando a necessidade de introduzir a inspeção bacteriológica dos passageiros.<sup>94</sup> Este trabalho foi suficientemente notado para ser referenciado na *Revue d'hygiène et de police sanitaire*.<sup>95</sup> Para além deste, também o relatório que apresentou em 1912 sobre a febre tifoide parece ter deixado uma impressão muito positiva junto dos seus

---

<sup>92</sup> Cf. BRAGA, António Augusto Gonçalves – “A Conferência Sanitária Internacional de Paris de 1911-12. Relatório”. *Arquivos do Instituto Central de Higiene*. Secção de Higiene. Vol. II. Fasc. 1º (1916) 16-65.

<sup>93</sup> Cf. JORGE, Ricardo – *A propósito de Pasteur: discurso proferido em comemoração do centenário pastorianiano na Faculdade de Medicina de Lisboa, aos 25 de Abril de 1923*. Lisboa: Portugália, 1923, p. 69.

<sup>94</sup> Cf. JORGE, Ricardo – *Les bacillifères de la Zaire et le système défensif contre le choléra par le contrôle bactériologique*. Lisboa: Tip. Mendonça, 1911.

<sup>95</sup> Cf. “Revue des journaux – Les bacillifères de la canonnière Zaire et le système défensif contre le choléra par le contrôle bactériologique, par Ricardo Jorge. (Annales de l'Institut Camara Pestana de Lisbonne, 1911, mémoire de 20 pages). *Revue d'hygiène et de police sanitaire*. N° 34 (1912) 1059-1061.

confrades. Contra os receios apontados por Calmette e Pottevin acerca da regular cloragem da água de consumo público, que preferiam aplicar esse processo apenas em casos de grave surto epidémico de febre tifóide dada a alteração do sabor e odor da água, Ricardo Jorge contrapôs a validade do método como elemento profilático definitivo, comprovando a sua opinião com os resultados obtidos em múltiplos casos a nível internacional.<sup>96</sup> Aquando da pandemia gripal de 1918-1919, o inquérito que elaborou no seio da Direção Geral de Saúde com o propósito de recolher informações sobre a epidemia junto dos sanitaristas portugueses, acabaria por servir de base ao inquérito internacional do OIHP.<sup>97</sup> Rapidamente faz amizades no seio de um ambiente em que a ciência higiénica irmanava os cientistas. Como Almeida Garrett relatou, “Desde então, nunca mais Ricardo Jorge veio de Paris ou de Genebra sem tarefa com que entreter os sócios no intervalo das sessões.”<sup>98</sup>

Fruto do prestígio granjeado e do destaque que assumia nas reuniões, em 1923 foi eleito delegado coletivo do *Office* no Comité de Higiene da SDN, eleição que se repetiu em 1926 com o mesmo resultado. A importância desta eleição prende-se com a natureza da reorganização da saúde coletiva internacional do pós-guerra. A Organização de Higiene da Sociedade das Nações era composta por um *Comité de Higiene*, por um Conselho consultivo e por uma Secção de Higiene do secretariado. O *Comité de Higiene* compreendia uma quinzena de membros escolhidos pela sua competência científica ou administrativa em saúde pública. Reunia-se duas vezes por ano, e tinha por missão principal estabelecer o programa de trabalhos da Secção de Higiene. Devia ainda exprimir as recomendações sobre as questões técnicas que o Conselho ou a assembleia da SDN sujeitassem ao seu exame. Para o estudo aprofundado dos problemas que lhe eram

---

<sup>96</sup> Cf. JORGE, Ricardo – A epidemia tífica de Lisboa em 1912: I - Relatório do prof. Ricardo Jorge. *Arquivos do Instituto Central de Higiene*. Vol. 1. Fasc. 2 (1913) 142.

<sup>97</sup> Cf. JORGE, Ricardo – *La Grippe. Rapport préliminaire présenté à la Commission Sanitaire des Pays Alliés, dans sa session de mars 1919*. Lisbonne: Imprimerie Nationale, 1919.

<sup>98</sup> GARRETT, António de Almeida – Ricardo Jorge e o Porto. *Lisboa Médica*. Ano XVI. Nº 9 (setembro 1939) 580.

confiados ou que decidissem abordar, nomeavam comissões e sub-comissões técnicas ou convocavam conferências de peritos.<sup>99</sup> O Conselho consultivo da OH da SDN reuniu-se em Paris em 1937, 1938 e 1939, agrupando os membros do Comité de Higiene da SDN e do comité permanente da OIHP. A eleição de Ricardo Jorge para esse “oráculo délfico dos destinos dos povos”<sup>100</sup> levaram-no a realizar um trabalho intenso em prol da preparação na nova convenção. A Conferência de 1926 elaborou uma nova convenção que prescrevia a notificação das epidemias de varíola e tifo exantémico, ao lado da notificação dos casos reconhecidos de cólera, peste e febre-amarela.<sup>101</sup>

O contacto com os ditames da sanidade internacional do pós-guerra serviu-lhe inclusive de mote à reforma de 1926, tal como se pode ler no texto preambular do decreto n.º 12 477. Parece claro que o que ditou a estrutura da reforma de 1926 foi a influência dos ditames de um serviço de saúde pública assente nos princípios modelares da higiene social estruturada nas instâncias internacionais:

“A debelação dos flagelos que perpétua ou episodicamente nos afligem não obedece apenas à necessidade humana de valermos às desgraças mórbidas da gente portuguesa. Esta cruzada é imposta pelas próprias conveniências materiais e morais da Nação como satisfação de deveres, naturais uns, forçados outros, para com as outras nações. Estamos chegados à época de um novo direito das gentes, de uma moralidade física geral, em que, por vivas que sejam as preocupações de ordem política e coletiva, ascendeu entre elas ao lugar das mais instantes a da solidariedade higiénica internacional.”<sup>102</sup>

---

<sup>99</sup> Cf. *Bulletin de L'Organisation D'Hygiène. Bibliographie des travaux techniques de L'Organisation D'Hygiène de la Société des Nations*, 1920-1945. Vol. XI. Genève: Société des Nations, 1945, p. 6.

<sup>100</sup> JORGE, Ricardo – *Passadas de erradio*. 2ª edição, revista. Lisboa: empresa Literária Fluminense, 1926, p. 85.

<sup>101</sup> A última conferência reuniu-se em Paris (1938) e ocupou-se apenas do Comité Sanitário Marítimo que continuava a funcionar no Egito, e que foi nessa altura dissolvido.

<sup>102</sup> Decreto n.º 12 477. *Diário do Governo*. I.ª Série. 227 (12 de outubro de 1926) 1519-1530.

No Comité de Higiene da SDN assistiu-se a um intercâmbio de ideias e conhecimentos entre médicos e técnicos de saúde pública numa escala até então inexistente. A higiene era a ciência agregadora, a massa que dava consistência ao discurso em redor da estruturação das medidas de saúde pública internacional, e por consequência, dos desafios lançados aos governos dos países que integravam esse organismo internacional. Finda a grande guerra, nos anos que se seguiram a higiene saía de uma “prova de fogo”. Num discurso lido na sessão de 1920 da Conferência Sanitária dos Países Aliados, Ricardo Jorge patenteava a mudança do pós-guerra, expressa no reforço da “ciência vitoriosa” da higiene, que ultrapassou o “ângulo restrito da medicina preventiva,” tornando-se “uma ciência social, visando o homem coletivo na sua integridade física”.<sup>103</sup>

## **6 - Contributos ricardianos na “Cosmopolis sanitária”**

A matriz e variedade das temáticas que Ricardo Jorge abordou no período entre guerras refletem os problemas impostos pela necessidade de controlo internacional de doenças contagiosas, algumas delas de prevalência tropical, mas com capacidade de disseminação através da circulação de pessoas e mercadorias. A par da peste, cólera, febre-amarela, dengue e da pandemia de influenza, emergiam ainda os problemas menos candentes mas mesmo assim não ignorados: os surtos de febre escarar-nodular, tifo, espiroquetose, alastrim, varíola, acompanhados pelos problemas associados aos processos de inoculação preventiva (encefalites pós-vacinais).

Uma das suas maiores contribuições para a miríade de documentos e recomendações que tiveram lugar no palco da diplomacia sanitária, prendeu-se com a epidemiologia das doenças pestilenciais (peste, cólera e febre-amarela) e com os contributos que aportou ao texto final do protocolo da Convenção Sanitária Internacional de 1926. Estes contributos, reservas, propostas e sugestões encontram-se documentados na coletânea de textos

---

<sup>103</sup> JORGE, Ricardo – *Higiene militante*. Sep. de A Medicina Contemporânea, 1920. Lisboa: Tip. Adolfo de Mendonça, 1920, p. 7. (Tradução nossa).

que reuniu sob o título *Les pestilences et la Convention Sanitaire Internationale* (1926).<sup>104</sup> Nessa extensa síntese publicada nos *Arquivos do Instituto Central de Higiene*, agrupou todas as suas contribuições para o tema entre 1919 e 1926. Das múltiplas intervenções que teve no *Office* desde 1920, as relativas à nova convenção que se pretendia elaborar debruçaram-se sobre a flexibilização das medidas profiláticas, confirmando-se a orientação inovadora de Ricardo Jorge no tocante à regulamentação da sanidade marítima, feita por oposição direta às excessivas medidas quarentenárias que tentavam evitar a todo o custo a importação de doenças exóticas. Esta atitude de oposição aos excessos das medidas profiláticas quarentenárias foi recuperada do articulado legal do regime sanitário marítimo português de 1901 e precursora da Convenção de Paris de 1903, onde algumas das cláusulas reproduziam as disposições legislativas portuguesas. Relativamente às convenções protocolares aceites a partir de 1926, são de referir a notificação obrigatória, a publicidade das declarações de infeção, os períodos de contaminação, a classificação dos navios, o tratamento das mercadorias e o regime contra a febre-amarela, feitas sempre no judicioso sentido de evitar as medidas tidas por excessivas ou pouco práticas. Estas questões, tantas vezes discutidas e alvo de maiores ou menores resistências entre os delegados, permitiram-lhe lançar várias propostas, muitas das quais acabariam por ser adotadas.<sup>105</sup>

O alastrim, a varíola e as encefalites pós-vacinais foram temas que fizeram correr muita tinta, sobretudo pelo facto das encefalites pós-vacinais serem assunto completamente desconhecido até então. Entre outubro de 1924 e 1929 apresentou várias notas e relatórios, nos quais é possível analisar as sucessivas fases do recrudescimento da varíola e das encefalites. A nota apresentada em outubro de 1924 *Sur L'Alastrim et la Variole*<sup>106</sup> seria

---

<sup>104</sup> JORGE, Ricardo – *Les pestilences et la Convention Sanitaire Internationale*?. *Arquivos do Instituto Central de Higiene*. Vol. 3. Fasc. 1 (1926) 1-107.

<sup>105</sup> Cf. JORGE, Ricardo – *Déclarations et propositions générales a la Conférence Sanitaire Internationale*. *Procès-verbaux de la Conférence Sanitaire Internationale*. 1926, idem – *Contre les mesures quaranténaires concernant la fièvre jaune*. *Procès-verbaux de la Conférence Sanitaire Internationale*. 1926 e idem – *Réserves faites par le Plénipotentiaire du Portugal á la Conférence Sanitaire*. *Procès-verbaux de la Conférence Sanitaire Internationale*. 1926.

<sup>106</sup> Cf. JORGE, Ricardo – *Sur l'Alastrim et la Variole*. Sep. de Bulletin mensuel de l'Office International d'Hygiène Publique. T. XVI. Fasc.10, année 1924. Paris: Office International d'Hygiène Publique, 1924.

traduzida e reimpressa na revista *The Lancet*,<sup>107</sup> tendo suscitado muitos comentários e críticas. A cada passo o assunto era abordado no *Office*. Quase na mesma altura surgem casos de encefalite pós-vacinal em Inglaterra, na Holanda e na Suíça, o que espoleta a realização de um plano de inquéritos e pesquisas lideradas por uma comissão que reúne em Haia em janeiro de 1926 sob os auspícios da SDN. Recaiu sobre Ricardo Jorge a realização do inquérito, bem como preparar e dirigir os trabalhos de tiveram lugar em Haia. Seguiu-se uma conferência em Berlim em janeiro de 1927. Daí resultou num extenso e minucioso relatório, composto por várias notas e sucessivos relatórios onde abordou os fatores do agravamento da varíola no mundo.<sup>108</sup> As dúvidas e o contraditório deixariam o tema permanecer em aberto, o que acompanhado do recrudescimento de casos acabaria por suscitar mais relatórios nos anos subsequentes, incluindo um novo plano de pesquisas.<sup>109</sup> O relatório de 1927 sobre a vacina antivariólica teria repercussões posteriores à data da primeira publicação. Com efeito, foram as opiniões de Ricardo Jorge e G. Stuart que, nos relatórios publicados, o primeiro em 1927 e o segundo em 1946, consideravam como pouco provável o papel direto do vírus vacinal na determinação das encefalites. Mas o problema persistia: seriam estas encefalites infeções latentes desencadeada pela vacinação ou tratava-se de uma contaminação do vírus vacinal jeneriano pelo da encefalite? Realizou-se um inquérito junto dos institutos produtores da vacina acerca dos seus métodos de produção e sobre a titulação da

---

<sup>107</sup> Cf. JORGE, Ricardo – *Alastrim and Variola. Note presented to the Committee of the Office International d'Hygiène Publique in its session of October, 1924*. Reprinted from *The Lancet*, Dec. 20th 1924 (p. 1317) and Dec. 27th (p. 1366).

<sup>108</sup> Cf. JORGE, Ricardo – *Alastrim et variole. Vaccine, Encéphalites Postvaccinales. I. Arquivos do Instituto Central de Higiene*. Vol. 3. Fasc. 2 (1927) 1-181.

<sup>109</sup> Cf. JORGE, Ricardo – *Nouveaux cas d'Encéphalite post-vaccinale. Procès-verbaux de l'Office International d'Hygiène Publique*. Paris: Office International d'Hygiène Publique, 1927 e 28, idem – *Les types varioliques et les encéphalites. Procès-verbaux de l'Office International d'Hygiène Publique*. Paris: Office International d'Hygiène Publique, 1928, idem – *Les Encéphalites post-vaccinales. Conclusions et doctrines. Procès-verbaux de l'Office International d'Hygiène Publique*. Paris: Office International d'Hygiène Publique, 1928, idem – *Les Cas du Tuscania et la Variole anglaise. Procès-verbaux de l'Office International d'Hygiène Publique*. Paris: Office International d'Hygiène Publique, 1929 e ainda idem – *Plan de recherches sur les questions concernant la Variole. Procès-verbaux de l'Office International d'Hygiène Publique*. Paris: Office International d'Hygiène Publique, 1929.

linfa vacinal. A nova comissão da varíola e da vacinação do Comité permanente do OIHP seria novamente dirigida por Ricardo Jorge, que em outubro de 1931 apresenta novo relatório sobre as encefalites pós-vacinais nas suas relações com a vacinação e com as encefalites pós-infecciosas.<sup>110</sup> Esse relatório seria traduzido e republicado na revista *The Lancet*.<sup>111</sup>

Apesar de ele próprio se considerar mais acarinhado nas instâncias da saúde internacional do que no seu próprio país, a verdade é que o trabalho que realizava no *Office* e na OH era particularmente notado por alguns amigos mais chegados, senão por todos aqueles que se encontravam cientes do momento de transição que a saúde coletiva internacional atravessava no período entre guerras. Mesmo os personagens de outros quadrantes políticos o reconheciam, como o exilado D. Manuel II, ao sublinhar que era na “(...) Liga das Nações, onde dá lustre e honra com a ciência o nome do nosso querido mas desgraçado Portugal (...)”.<sup>112</sup> A 15 de julho de 1932, Fidelino de Figueiredo escreveu a Ricardo Jorge, dizendo-lhe: “(...) tenho seguido as atividades da primeira figura da nossa medicina, verdadeiro embaixador acreditado em todos os centros intelectuais. Os folhetins de Alfredo Pimenta deram-me prazer como visão de conjunto dum vasto, intenso e original labor.”<sup>113</sup> O mesmo sucedia com Bernardino Machado, que no mês seguinte referia ao seu “querido amigo” que “Felizmente os seus belos escritos trazem-me sempre notícias que me são gratíssimas. Mas nem por isso deixei de sentir não o poder ver na sua passagem por França. Há quantos anos não nos encontramos! (...)”<sup>114</sup>

---

<sup>110</sup>Cf. JORGE, Ricardo – *Les encéphalites post-vaccinales dans leurs rapports avec la vaccination et avec les encéphalites post-infectieuses et disséminées aiguës. Rapport de la Commission de la Variole et de la Vaccination*. Sep. de Bulletin mensuel de l'Office International d'Hygiène Publique. T. XXIII. Fasc. 12, année 1931. Paris: Office International d'Hygiène Publique, 1931.

<sup>111</sup> Cf. JORGE, Ricardo – Post-vaccinal encephalitis. Its association with vaccination and with post-infectious and acute disseminated encephalitis. Reprinted from *The Lancet* January 23rd, 1932 (p. 215), and 30th (p. 267).

<sup>112</sup> Missiva de D. Manuel II, escrita em Londres em 01/11/1925. Cf. BNP Esp E/18 Cx 1.

<sup>113</sup> Missiva de Fidelino de Figueiredo. Cf. BNP Esp E/18 Cx 1.

<sup>114</sup> Missiva de Bernardino Machado enviada de Vigo em 08/08/1932. Cf. BNP Esp E/18 Cx 1.

As epidemias de peste, temática que o tornara internacionalmente conhecido desde 1899, constituiriam a base de alguns trabalhos de síntese que apresenta no *Office*. Para além dos relatórios sobre pequenos surtos pestíferos em Alfama (1920)<sup>115</sup> e Alcochete (1923)<sup>116</sup>, elaboraria trabalhos de maior fôlego, quase todos destinados a engrossar a bibliografia epidemiológica da peste em contexto internacional: *Les Faunes régionales des Rongeurs et des Puces dans leurs rapports avec la Peste* (1924), a *Summa epidemiologica de la peste. Épidémies anciennes et modernes* (1933), *La peste en Angola* (1935), *La peste africaine* (1935) e ainda *Les «Rodentia» domestiques et sauvages dans l'Évolution séculaire et mondiale de la Peste*. (1935), este último apresentado no Congresso Internacional de Zoologia de Lisboa. De todos eles, talvez o mais interessante do ponto de vista epidemiológico seja a *Summa epidemiologica de la peste*, uma vez que é nesse trabalho que estuda os dois ciclos de peste na Europa, sublinhando a identidade nosológica da peste antiga e moderna, o seu crescimento e declínio, apontando as linhas geográficas e comerciais da propagação, os vetores zoológicos, a profilaxia e etiologia tradicionais.

Também a febre-amarela seria alvo de uma série de 14 textos, entre artigos, notas e relatórios, que se desenrolaram ao longo dos anos 20 e 30. Fosse acerca de episódios em Lisboa, em África ou no Brasil, o tema parece ter-lhe despertado grande interesse desde a viagem ao Brasil em 1929, cuja organização na luta contra a febre-amarela encarava com progressista e exemplar.<sup>117</sup> Vários destes textos foram compilados num extenso relatório que publicaria em janeiro de 1938, cerca de um ano e meio antes de morrer.<sup>118</sup> No seguimento dessa viagem escreveu *La fièvre et la campagne sanitaire à Rio de Janeiro* (1928-29), *Épidémies nautiques de malaria a forme typhoïdique*,

---

<sup>115</sup> Cf. JORGE, Ricardo – Peste à Lisbonne. *Procès-verbaux de l'Office International d'Hygiène Publique, session d'Avril 1921*. Paris: Office International d'Hygiène Publique, 1921.

<sup>116</sup> Cf. JORGE, Ricardo – Sur la Peste Pneumonique, à propos de l'Épidémie d'Alcochete. *Bulletin mensuel de l'Office International d'Hygiène Publique*. T. XV (1923) 1431.

<sup>117</sup> “O Brasil deu-nos uma lição, destentada, de como governos, médicos e público se conjugam na execução dos preceitos da medicina social.” In JORGE, Ricardo – *A propósito de Pasteur: discurso proferido em comemoração do centenário pastoriano na Faculdade de Medicina de Lisboa, aos 25 de Abril de 1923*. Lisboa: Portugalíia, 1923, p. 52.

<sup>118</sup> Cf. JORGE, Ricardo – Fièvre jaune. *Arquivos do Instituto Central de Higiene*. Vol. 4. Fasc. 1 (1938) 1-134.



*pouvant faire suspecter la fièvre jaune* (1931), *Sur la prospection biodémique de la fièvre jaune* (1934), *La fièvre jaune africaine* (1934), *A propos de la fièvre jaune endémo-sporadique* (1935), e o já apontado relatório: *Fièvre jaune* (1938). Para além da febre-amarela, também o tifo exantemático daria azo a vários trabalhos que acabariam por ser reunidos e expostos em 1933 num trabalho mais lato onde mostra a sua conceção sobre as febres exantemáticas, abordando as suas características nosográficas epidémicas e experimentais, reunidas sob o título *La Famille typho-exanthématique* (1933).

## 7 - “Irmãos em Higiene”

Tanto no seio do *Office* como na Comissão de Higiene da Sociedade das Nações, Ricardo Jorge era muito respeitado e estimado pelos seus pares. Almeida Garrett confessava a impressão colhida junto de outro sanitarrista: “Ainda há três anos [1936], em Londres, a figura máxima entre os sanitarristas ingleses [George Buchanan] me dizia: «O professor Jorge é uma pessoa de exceção; nunca me foi dado conhecer alguém que a um tão grande cabedal de conhecimentos juntasse um tão apurado espirito crítico».”<sup>119</sup>

Ele próprio não enjeitava o sentimento de bem-estar que e de comunhão científica que o *Office* lhe proporcionava, sentindo-se aí como em casa, entre “Estes homens, meus colegas e meus amigos, envolvidos igualmente no torvelinho da Cosmópolis Sanitária (...)”<sup>120</sup>

Junto dos seus pares da ciência higiénica “Havia ali amigos e camaradas das lides internacionais da epidemiologia e da medicina preventiva, cujo encontro seria um regalo de coração e de espírito (...)”<sup>121</sup> Formal e informalmente, desenvolve uma extensa rede de contactos no mundo da

---

<sup>119</sup> GARRETT, António de Almeida – Ricardo Jorge e o Porto. *Lisboa Médica*. Ano XVI. Nº 9 (setembro 1939) 580.

<sup>120</sup> JORGE, Ricardo – *De Ceca e Meca: impressões e estudos de viagem*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1961, p. 126.

<sup>121</sup> JORGE, Ricardo – *A Exposição Colonial de Paris e as jornadas médicas*. Sep. de Lisboa Médica. Vol. 8, agosto 1931. Lisboa: Imp. Libânio da Silva, 1931, p. 5.

sanitariedade internacional, que em alguns casos extravasa a capa da diplomacia, consubstanciando-se em franca amizade. Entre essas várias amizades que ele tanto prezava, ou os seus “irmãos em Higeia”<sup>122</sup> como por vezes os apodava, contam-se Pottevin, Cantacuzène ou George Buchanan. Em 1934 escreveria um elogio de Cantacuzène,<sup>123</sup> ao passo que em 1936 faria o elogio fúnebre de George Buchanan, retratando o percurso de vida de uma das figuras do movimento sanitário internacional.<sup>124</sup> A ligação a George Buchanan levou a que dois anos depois fosse eleito sócio de honra da Real Sociedade de Medicina de Londres.<sup>125</sup>

Acerca da presença de Ricardo Jorge nas sessões do *Office*, diria Lombani:

“O Professor Ricardo Jorge conta-se entre os eminentes epidemiologistas da nossa época. Fosse nas sessões do Office International d'Hygiene ou do Comité de Higiene da Sociedade das Nações, fosse nas reuniões das Sociedades de Sábios ou em numerosos congressos que ilustrava com a sua presença, Ricardo Jorge marcava com a sua poderosa personalidade estas manifestações científicas, ou as suas comunicações, as suas intervenções – habitualmente ardentes, mas sempre enformadas de um puro espírito de método – os seus avisos, os seus conselhos faziam autoridade. O seu nome está particularmente ligado ao estudo aprofundado da espiroquetose icterohemorrágica, da varíola, do alastrim, da encefalite posvacinal (esta última doença tendo sido o objeto, após inquérito internacional, de

---

<sup>122</sup> JORGE, Ricardo – *Passadas de erradio*. 2ª edição, revista. Lisboa: empresa Literária Fluminense, 1926, p. 85.

<sup>123</sup> Cf. JORGE, Ricardo – *Éloge du Prof. Cantacuzène*. Porto: Imprensa Libânio da Silva, 1934.

<sup>124</sup> Cf. JORGE, Ricardo – *L'Hygiéniste International Sir George S. Buchanan*. Sep. da revista Clínica Higiene e Hidrologia, março 1937. Lisboa: Tip. Henrique Torres, 1937.

<sup>125</sup> [s.a] – Atualidades. A eleição de Ricardo Jorge para sócio de Honra da Real Sociedade de Medicina de Londres. *A Medicina Contemporânea*. Ano 56. Nº 27 (3 julho 1938) 220-221.

um relatório magistral) e, enfim das doenças pestilenciais que constituem, como ele diz, a preocupação constante da sua vida de biologista».<sup>126</sup>



OFFICE INTERNATIONAL D'HYGIÈNE PUBLIQUE  
Session de mai 1933.

Foto 1 – Membros do *Office International D'Hygiène Publique* reunidos na sessão de maio de 1933. Apesar de jubilado, Ricardo Jorge continuou a participar nas sessões até poucos meses antes da sua morte em 1939. Ricardo Jorge encontra-se na 1ª fila, sendo o 3º a contar da esquerda. George Buchanan, na mesma fila, é o 3º a contar da direita. Fonte: OFFICE INTERNACIONAL D'HIGIÈNE PUBLIQUE – *Vingt-cinq ans d'activité de L'Office International D'Hygiène Publique. 1909-1933*. Paris: OIHP, 1933, [s.p.].

No mesmo ano de 1936 e aproveitando a presença de Ricardo Jorge em Paris, a federação da imprensa médica latina ofereceu-lhe um jantar de homenagem no Hotel Lutécia com cerca de 30 personalidades da imprensa médica, provavelmente em finais de novembro de 1936. No decorrer do

---

<sup>126</sup> Reproduzido in COELHO, Eduardo – Ricardo Jorge Mestre da Medicina e grande europeu. *Boletim do Instituto Superior de Higiene Doutor Ricardo Jorge*. Ano I. N.º 4 (1946) 254. (Tradução nossa).

evento foi alvo dos habituais elogios que a ocasião proporcionou.<sup>127</sup> Em carta enviada ao amigo António de Almeida Garrett, reconhecia ser mais apreciado nesses conclaves internacionais que no seu próprio país: “Quanto ao presente, sou um artigo de exportação, de menos valia nacional que os figos passados. Que valor se liga a que me chamem lá fora epidemiologista e acolham ou louvem trabalhos que por cá não têm curso?”<sup>128</sup>

Em poucos lugares se terá sentido tão bem como no *Office*. Numa missiva transcrita por Eduardo Coelho, Ricardo Jorge revela precisamente a importância de Paris e desse campo de diplomacia sanitária: “Trabalhar em Paris, naquela corporação que representa para a minha velhice o meio afetuoso e estimulante que foi para a minha mocidade a saudosa Escola do Porto.” “O trabalho no estrangeiro (no *Office*) absorve-me o tempo; devo-lhe hoje o melhor da minha existência, o contacto com um meio que me consola daquele em que vivo.”<sup>129</sup> Em 1936, dos delegados que formaram o núcleo inicial do *Office* e do movimento sanitário internacional já só restavam no Comité da SDN dois vetustos personagens: Madsen e Ricardo Jorge. O *Office* seria o seu último púlpito predicatório.

## 8 - Considerações finais

O papel de Ricardo Jorge nas instâncias sanitárias internacionais ultrapassou o papel técnico-científico que lhe seria exigido pelas suas funções, corporizando um papel que poderíamos apelidar de “diplomacia sanitária”. A extensa rede de relações científicas e de amizade que criou no OIHP e no Comité de Higiene da SDN a partir do pós-guerra, mostra bem a internacionalização do labor do higienista, a que não é alheio um trabalho continuado de normalização das relações sanitárias entre os estados. O lu-

---

<sup>127</sup> Cf. [s.a] – Un dîner en l’honneur du professeur Ricardo Jorge. *La Presse Médicale*. Nº 97 (2 Décembre 1936) 1968.

<sup>128</sup> GARRETT, António de Almeida – Ricardo Jorge e o Porto. *Lisboa Médica*. Ano XVI. Nº 9 (setembro 1939) 571.

<sup>129</sup> Cit. in COELHO, Eduardo – *Ricardo Jorge, o médico e o humanista*. 2ª ed. revista e ampliada. Lisboa; Barcelona; Rio de Janeiro: Livraria Luso-Espanhola Lda, 1961, p. 162.

gar de relevo que desde cedo começou a ocupar no espectro sanitário internacional permitiu-lhe continuar a ser sempre o principal delegado do governo português nas instâncias internacionais, independentemente dos ventos políticos que a sua longa vida conheceu, fosse no contexto monárquico, republicano ou mesmo no Estado Novo.

Não viveu o suficiente para ver a revolução antibiótica tomar de assalto e tornar obsoletos muitos dos pilares da «ciência higiénica», mas viveu o suficiente para se impor como um dos cientistas portugueses mais internacionais de sempre.

## Fontes e bibliografia

### Espólio de Ricardo Jorge

BNP. Esp. E18/Cx. 1, 2 e 27.

### Bibliografia ricardiana

JORGE, Ricardo – A epidemia tífica de Lisboa em 1912: I - Relatório do prof. Ricardo Jorge. *Arquivos do Instituto Central de Higiene*. Vol. 1. Fasc. 2 (1913) 131-150.

JORGE, Ricardo – *A Exposição Colonial de Paris e as jornadas médicas*. Sep. de Lisboa Médica. Vol. 8, agosto 1931. Lisboa: Imp. Libânio da Silva, 1931.

JORGE, Ricardo – *A propósito de Pasteur: discurso proferido em comemoração do centenário pastoriano na Faculdade de Medicina de Lisboa, aos 25 de Abril de 1923*. Lisboa: Portugália, 1923.

JORGE, Ricardo – Alastrim et variole. Vaccine, Encéphalites Postvaccinales. I. *Arquivos do Instituto Central de Higiene*. Vol. 3. Fasc. 2 (1927) 1-181.

JORGE, Ricardo – *Canhenbo dum Vagamundo. Impressões de viagem*. Lisboa: Empresa Literária Fluminense, 1923.

JORGE, Ricardo – *Canbenho dum Vagamundo. Impressões de viagem*. 7º Milhar. Lisboa: Empresa Literária Fluminense, 1924.

JORGE, Ricardo – *De Ceca e Meca: impressões e estudos de viagem*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1961.

JORGE, Ricardo – *Éloge du Prof. Cantacuzène*. Porto: Imprensa Libânio da Silva, 1934.

JORGE, Ricardo – *Fièvre jaune. Arquivos do Instituto Central de Higiene*. Vol. 4. Fasc. 1 (1938) 1-134.

JORGE, Ricardo – *Higiene militante*. Sep. de A Medicina Contemporânea, 1920. Lisboa: Tip. Adolfo de Mendonça, 1920.

JORGE, Ricardo – *Higiene social aplicada à Nação Portuguesa. Conferências feitas no Porto*. Porto: Livraria Civilização, 1885.

JORGE, Ricardo – *L'Hygiéniste International Sir George S. Buchanan*. Sep. da revista Clínica Higiene e Hidrologia, março 1937. Lisboa: Tip. Henrique Torres, 1937.

JORGE, Ricardo – *La Grippe. Rapport préliminaire présenté à la Commission Sanitaire des Pays Alliés, dans sa session de mars 1919*. Lisbonne: Imprimerie Nationale, 1919.

JORGE, Ricardo – *Les bacillifères de la Zaire et le système défensif contre le choléra par le contrôle bactériologique*. Lisboa: Tip. Mendonça, 1911.

JORGE, Ricardo – *Les Cas du Tuscania et la Variole anglaise. Procès-verbaux de l'Office International d'Hygiène Publique*. Paris: Office International d'Hygiène Publique, 1929.

JORGE, Ricardo – *Les Encéphalites post-vaccinales. Conclusions et doctrines. Procès-verbaux de l'Office International d'Hygiène Publique*. Paris: Office International d'Hygiène Publique, 1928.

JORGE, Ricardo – *Les encéphalites post-vaccinales dans leurs rapports avec la vaccination et avec les encéphalites post-infectieuses et disséminées aiguës. Rapport de la Commission de la Variole et de la Vaccination*. Sep. de Bulletin mensuel de l'Office International d'Hygiène Publique. T. XXIII. Fasc. 12, année 1931. Paris: Office International d'Hygiène Publique, 1931.

JORGE, Ricardo – Les pestilences et la Convention Sanitaire Internationale. *Arquivos do Instituto Central de Higiene*. Vol. 3. Fasc. 1 (1926) 1-107.

JORGE, Ricardo – *Les types varioliques et les encéphalites. Procès-verbaux de l'Office International d'Hygiène Publique*. Paris: Office International d'Hygiène Publique, 1928.

JORGE, Ricardo – Lugares seletos – O professor de Medicina em Portugal em 1885. *Boletim do Instituto Superior de Higiene Doutor Ricardo Jorge*. Vol. II. N° 5 (1947) 46-69.

JORGE, Ricardo – *Nouveaux cas d'Encéphalite post-vaccinale. Procès-verbaux de l'Office International d'Hygiène Publique*. Paris: Office International d'Hygiène Publique, 1927 e 28.

JORGE, Ricardo – *Passadas de erradio*. 2ª edição, revista. Lisboa: Empresa Literária Fluminense, 1926.

JORGE, Ricardo – Peste à Lisbonne. *Procès-verbaux de l'Office International d'Hygiène Publique, session d'Avril 1921*. Paris: Office International d'Hygiène Publique, 1921.

JORGE, Ricardo – Plan de recherches sur les questions concernant la Variole. *Procès-verbaux de l'Office International d'Hygiène Publique*. Paris: Office International d'Hygiène Publique, 1929.

JORGE, Ricardo – *Relatório apresentado ao Conselho Superior de Instrução Pública na sessão de 1 de outubro de 1885 pelo vogal da secção eletiva [...]*. Porto: Imprensa Moderna, 1885.

JORGE, Ricardo – Soalheiras e Desportes. *Diário de Lisboa*. Edição mensal. 1º Ano. Nº 3 (1 a 30 de julho de 1933) 27-28.

JORGE, Ricardo – *Sur l'Alastrim et la Variole*. Sep. de Bulletin mensuel de l'Office International d'Hygiène Publique. T. XVI. Fasc. 10, année 1924. Paris: Office International d'Hygiène Publique, 1924.

JORGE, Ricardo – Sur la Peste Pneumonique, à propos de l'Épidémie d'Alcochete. *Bulletin mensuel de l'Office International d'Hygiène Publique*. T. XV (1923) 1431.

JORGE, Ricardo – *Um ensaio sobre o nervosismo*. Dissertação inaugural apresentada e defendida perante a Escola Médico-Cirúrgica do Porto. Porto: Tip. Ocidental, 1879.

JORGE, Ricardo – [Prefácio]. In PIMENTA, Alfredo – *Estudos filosóficos e críticos. Prefácio do Prof. Dr. Ricardo Jorge*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1930.

## **Bibliografia complementar**

ALVES, Jorge Fernandes (coord.) – *O Signo de Hipócrates. O Ensino Médico no Porto segundo Ricardo Jorge em 1885*. Porto: Sociedade Portuguesa de Gastroenterologia, 2003.

AMARAL, Isabel; CARNEIRO, Ana; MOTA, Teresa Salomé; BORGES, Victor Machado; DORIA, José Luís (coord.) – *Percursos da Saúde Pública nos séculos XIX e XX - a propósito de Ricardo Jorge*. Lisboa: CELOM, 2010.

BRAGA, António Augusto Gonçalves – A Conferência Sanitária Internacional de Paris de 1911-12. Relatório. *Arquivos do Instituto Central de Higiene*. Secção de Higiene. Vol. II. Fasc. 1º (1916) 16-65.



COSTA, Rui Manuel Pinto – Sob o olhar da construção da memória: Ricardo Jorge na tribuna da História. *CEM. Cultura, Espaço & Memória*. Porto. 5 (2014) 261-274.

COELHO, Eduardo – *Ricardo Jorge, o médico e o humanista*. 2ª ed. revista e ampliada. Lisboa; Barcelona; Rio de Janeiro: Livraria Luso-Espanhola Lda, 1961.

COELHO, Eduardo – Ricardo Jorge Mestre da Medicina e grande europeu. *Boletim do Instituto Superior de Higiene Doutor Ricardo Jorge*. Ano I. Nº 4 (1946) 241- 265.

GARRETT, António de Almeida – Ricardo Jorge e o Porto. *Lisboa Médica*. Ano XVI. Nº 9 (setembro 1939) 564-572.

GARRETT, António de Almeida – Ricardo Jorge, higienista. *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. Vol. 4. Fasc. 4 (1941) 372.

LATOUR, Bruno – *The Pasteurization of France*. Cambridge, London: Harvard University Press, 1988.

LEMOS, António de Sousa Magalhães e – *A Região Psicomotriz: apontamentos para contribuir ao estudo da sua anatomia*. Dissertação inaugural apresentada e defendida na Escola Médico-Cirúrgica do Porto. Porto: Tip. Ocidental, 1882.

MONIZ, Egas – *Júlio Dinis e a Sua Obra. Com inéditos do romancista e uma carta-prefácio de Ricardo Jorge*. Lisboa: Casa Ventura Abrantes, 1924.

NUNES, Maria de Fátima - Ricardo Jorge and the construction of a medical-sanitary public discourse. Portugal and International scientific networks. In: PORRAS GALLO, Maria-Isabel; RYAN, Davies A. *The Spanish Influenza Pandemic of 1918-1919 - Perspectives from the Iberian Peninsula and the Americas*. Rochester: University of Rochester Press; 2014, p. 56-71.

OFFICE INTERNACIONAL D'HIGIÈNE PUBLIQUE – *Vingt-cinq ans d'activité de L'Office International D'Hygiène Publique. 1909-1933*. Paris: OIHP, 1933.

PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui – Ciências. In MATTOSO, José (dir.) – *História de Portugal*. Vol. V. O Liberalismo (1807-1890). Lisboa: Círculo de Leitores, 1993, p. 652-667.

PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui – Liturgia higienista no século XIX - pistas para um estudo. *Revista de História das Ideias*. 15 (1993) 437-559.

SIMÕES, António Augusto da Costa – *Relatórios de uma viagem científica*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1866.

SOCIÉTÉ DES NATIONS – *Bulletin de L'Organisation d'Hygiène. Bibliographie des travaux techniques de L'Organisation d'Hygiène de la Société des Nations, 1920-1931*. Vol. XI. Genève: Société des Nations, 1945.

SOCIÉTÉ DES NATIONS – *L'Organisation d'Hygiène*. Genève: Section d'information, 1931.

[s.a] – Atualidades. A eleição de Ricardo Jorge para sócio de Honra da Real Sociedade de Medicina de Londres. *A Medicina Contemporânea*. Ano 56. N° 27 (3 julho 1938) 220-221.

[s.a] - Revue des journaux – Les bacillifères de la canonnière Zaire et le système défensif contre le choléra par le contrôle bactériologique, par Ricardo Jorge. (Annales de l'Institut Camara Pestana de Lisbonne, 1911, mémoire de 20 pages). *Revue d'hygiène et de police sanitaire*. N° 34 (1912) 1059-1061.

[s.a] – Un dîner en l'honneur du professeur Ricardo Jorge. *La Presse Médicale*. N° 97 (2 Décembre 1936) 1968.